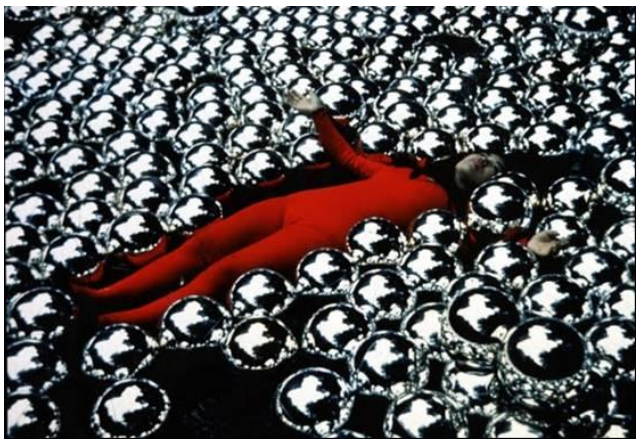
O professor propositor

Solange Utuari



Jardim de Narciso do Inhotim de Yayoi Kasama – Video Intalação - Acervo do Instituto Inhotim.

Resumo: As discussões sobre o ensino de arte passam dos aspectos metodológicos para os problemas conceituais e de concepção de Arte e filosofia da educação. As linguagens artísticas contemporâneas apresentam desafios ao professor que vê o universo da cultura se expandir com velocidade. Lygia Clark nos alimenta com suas ideias em que a arte é propositora, nos convida a fluxos de criação. Outros artistas também são propositores e nos apresentam a Arte não apenas como oportunidade de contemplação e sim de interação. Ideias que nutrem a concepção de ensino de artístico que propõem que o educador passa daquele que dá aulas de Arte, para um educador que seja um professor propositor. Assim como Lygia Clark saiba fazer convites para percursos poéticos, estéticos e criativos na aprendizagem da Arte. Um convite que provoque encontros significativos e experiências estéticas e construa conceitos e concepções sobre Arte. Um professor propositor que compreenda o seu papel de curador e mediador ao selecionar e apresentar patrimônios culturais históricos e contemporâneos aos alunos. Os materiais oferecidos na *Midiateca Arte na escola* fundamentam conceitos em territórios de Arte e Cultura (mediação cultural, linguagens artísticas, forma e conteúdo, materialidades, patrimônio cultural, saberes estéticos e culturais, conexões transdisciplinares, processos de criação, entre outras possiblidades) e convidam o educador a mergulhar neste universo estético e artístico que apresenta ideias propositoras. Descobrir e potencializar este acervo pode apresentar caminhos aos educadores para ampliar seus repertórios didáticos e culturais, além de aprimorar ações educativas na escola.

Somos cercados de imagens algumas são reflexos de nós mesmo, da nossa cultura e valores. Como na obra da artista Yayoi Kasama – *O jardim de Narciso*, estamos mergulhados nesta cultura. A cultura contemporânea nos coloca em contato com muitas coisas todos os dias. As linguagens artísticas, as materialidades e os modos de fazer arte se multiplicaram no ultimo século e este processo é continuo em nosso tempo. Em meio a tantas obras e artistas, o que escolher e como compartilhar com os nossos alunos? Esta é um pergunta que pode parecer de fácil resposta em um primeiro instante mas carrega muita complexidade.

Temos como desafios o cumprimento de prazos, conteúdos a serem explorados com os alunos, as preocupações com os preparativos das aulas e

avaliação das atividades realizadas pelos alunos. Imersos na vida de professor, em nossas localidades, será que temos tempo ou fácil acesso a vida cultural e artística? Ou será que nos afastamos dos museus, galerias, casas de espetáculos e outros espaços culturais? Que outros lugares podemos encontrar a arte? Qual o grau da nossa proximidade com a arte?

Refletir sobre a nossa vida cultural e o grau de proximidade com produções artísticas, seja em acervos históricos ou produções contemporâneas, talvez nos ajude a responder o questionamento colocado inicialmente: o que escolher e como apresentar aos alunos conceitos em arte.

Houve um tempo em que os questionamentos sobre o ensino de arte estavam mais centrados na metodologia e agora vemos debates que se voltam para os conceitos. Questionava-se sobre praticas tradicionalistas, tecnicistas, espontaneístas e a pertinência de novas propostas surgidas no final dos anos oitenta do século XX. A questão metodológica continua a ter sua importância, no entanto o professor precisa antes de fazer escolhas de metodologias pensar sobre a escolha de concepções de Arte e seu ensino. Há neste novo debate preocupações com o multiculturalismo e pluralidade cultural brasileira, estudos de culturas afrodescendentes, indígenas, cultura *queer*, produção artística contemporânea, patrimônio cultural material e imaterial, arte e meio ambiente, arte e tecnologia, entre outros focos de estudo que fazem parte da educação brasileira.

Sobre a escolha de concepções podemos pensar em que tipo de Arte estamos priorizando em nossas aulas. As praticas pedagógicas que apresentam arte apenas do passado dão conta de dizer aos alunos o que é arte? Focar apenas a arte do presente é o melhor caminho? Precisamos encontrar um equilíbrio que não caminha na escolha de períodos e sim de conceitos. Também precisamos refletir sobre o nosso contato com a arte, que vivencias temos, qual o nosso repertorio e que encontros significativos trazemos na memoria em nossas bagagens culturais.

Pensar sobre o nosso processo no encontro com a arte pode nos ajudar a compreender melhor como os alunos recebem o que escolhemos trazer para eles. A recepção da obra de arte tem sido um assunto de grande interesse no debate sobre o ensino de arte.

O professor tem um papel tanto de mediador como de curador. O professor /mediador é aquele que está entre, que conduz uma conversa, que provoca olhares,

pensamentos, que promove encontros entre arte e os alunos. O professor curador seleciona, pensa possíveis conceitos a serem explorados como os alunos. A união da ação mediadora e da linha curatorial pode ativar culturalmente uma obra de arte. Para que o professor tenha sucesso nestas duas funções, hoje solicitadas no ensino de arte, pensar seu repertorio cultural e didático é fundamental.

A palavra curador é usada no contexto de instituições para denominar a pessoa que irá cuidar de uma mostra (exposição ou evento artístico), é ele que escolhe e seleciona diante de acervos obras a serem apresentadas ao publico, mas este não é o único papel de um curador, ele também é responsável por pensar a ambientação, localização, acessos e projetos de circulação nos espaços. Também é função de curadores o planejamento de ações de recepção ao publico e acessibilidade. Há casos que temos em exposições um curador geral e um curador educativo, tamanho é a complexidade desse trabalho. O curador muitas vezes escreve e divulga textos sobre os conceitos que alicerçam e legitimam a linha curatorial das mostras e eventos artísticos.

O curador Luiz Guilherme Vergara (1996, p. 243), apresenta a ideia de curadoria educativa, em que o objetivo é descobrir e dinamizar aspectos das obras de arte que possam acender diálogos com o público. Tem como proposta potencializar o contato com as obras e desencadear experiências estéticas (encontros com grau de significância com a arte). Porque experiência é *"aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma"*(LARROSA, 2004, p.163).

Na escola o professor pode assumir este papel, o de curador educativo e diante dessa ideia fazer seleções e criar ações mediadoras. Para esta tarefa o educador deve pesquisar, organizar e criar curadorias educativas com a preocupação em ativar culturalmente acervos artísticos. Deleuze (1992) diz que uma obra de arte deve conter tantos vazios que permita que o espectador a preencha com suas próprias interpretações e diálogos, nas relações entre percepção e memoria.

Ter experiências significativas com arte, fazer curadoria e criar ações mediadoras são desafios colocados hoje para o professor. E quando o professor passa da figura que executa aulas de arte para aquele que escolhe, arranja e media acervos artísticos com focos em conceitos e processos, ele deixa de ser um

professor que dá aulas de arte para ser um educador que propõem percursos estéticos, poéticos, artísticos e educativos. Mas qual a grande diferença? Quando damos aulas não sabemos se o outro quer recebe-la. Quando convidamos os alunos a uma trajetória seduzimos a compartilhar um processo de ensino e aprendizagem em sistema colaborativo. Não estamos a frente da sala de aula e sim ao lado do aluno compartilhando descobertas. Nesta concepção de aula de arte o professor é um propositor de percursos.

A ideia de proposição em arte e seu ensino tem inspiração na concepção de arte colocada pela artista Lygia Clark (1920 - 1988) na segunda metade do século XX.

> *Somos os propositores; somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido da nossa existência. Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos; estamos a vosso dispor. Somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação. Somos os propositores: não lhes propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora.*
>
> Lygia Clark

Com base nesta ideia o cenário artístico da época se deparou com uma postura muito inovadora, o convite a participação na obra e a quebra de paradigma do gênio artístico. Lygia queria colocar em debate a acessibilidade da obra de arte e o processo de criação compartilhado entre artista e espectador. Uma postura mais ativa por parte do publico e a exploração da linguagem artística, suas materialidades, elementos compositivos, processos e procedimentos artísticos. Isto porque Lygia, assim como Humberto Maturana via o ser humano como um animal linguanjante.

> *Como animais linguajantes, existimos na linguagem, mas como seres humanos existimos (trazemos nós mesmos à mão em nossas distinções) no fluir de nossas conversações, e todas as atividades acontecem como diferentes espécies de conversações. Consequentemente, nossos diferentes domínios de ações (domínios cognitivos) como seres humanos (culturas, instituições, sociedades, clubes, jogos, etc.) são constituídos como diferentes redes de conversações, cada uma definida por*

um critério particular de validação, explícito ou implícito, que define e constitui o que a ela pertence.

(Humberto Maturana, 2001.)



Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. Uma cena do documentário: *Duas Palavras*. Coleção DVDteca Arte na Escola do Instituto Arte na Escola. www.artenaescola.org,br.

As educadoras Gisa Picosque e Miriam Celeste Martins inspiradas pelas ideias de Lygia sobretudo na sua obra *Caminhando*, coordenaram a criação em 2004 dos materiais educativos para os professores propositores. São cadernos que acompanham os DVDs da DVDteca Arte na escola. Este material foi escrito por vários educadores de todo o Brasil, e por meio deste é possível conhecer melhor a concepção de professor propositor de percursos estéticos, poéticos, artísticos e educativos sobre o qual estamos nos referindo nesta conversa.

Em relação a conceito de arte e seu ensino também é possível perceber os caminhos trilhados neste material que exploram os territórios de arte e cultura. Uma maneira de olhar para os campos conceituais artísticos. A proposição dos territórios da arte e cultura não está fechada, mas sinaliza estudos a respeito de conceitos como: professor propositor, mediação cultural, linguagens artísticas, forma e conteúdo, materialidades, patrimônio cultural, saberes estéticos e culturais,

conexões transdisciplinares, processos de criação e outras possiblidades que o professor pode inventar (este material está disponível em: www.artenaescola.org.br).

Os debates sobre o ensino de arte se ampliam e é certo que não há uma fórmula pronta, somente modos de olhar, proposições criadas e outras a serem inventadas e diante dessa realidade fica o convite para pensar sobre nossa vida cultural e profissional, sobre a figura do educador como um propositor. Acreditamos que quando somos propositores podemos na ação de educar exercer o ideal colocado por Lygia, o de aproximar a arte dos alunos. Também se abre a possibilidades de potencializar conceitos em arte.

Vergara (1996, p. 243) expressa que ativar culturalmente uma obra prevê "*fazer circular, dar acesso e aproximar"* acervos e patrimônios culturais da vida dos alunos, tendo o professor como aquele que em sua proposição pedagógica pode "explorar a potência da arte como veículo de ação cultural", ampliando repertórios e promovendo encontros significativos com arte.

Referencias:

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CLARK, L. C . *Caminhando*, 1964 In: revista ArtCultura, Uberlândia, v. 10, n. 17, p. 143-158, jul.-dez. 2008

_____. *Livro-obra*. Rio de Janeiro, 1983 (republicado no Catálogo da Fundación Antony Tàpies, Barcelona, 1997

DELEUZE, Gilles e GATTARI, *Felix. Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. V 5 . São Paulo : Editora 34, 1995.

_____. *O que é filosofia*? / Gilles Deleuze, Felix Guaattari; tradução Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz.- Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. ISBN 85-85490-02-0DEWEY, John. Como Pensamos. Tradução Haidee de Camargo Campos. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

HERNANDEZ, Fernando. *Catadores da cultural visual. Proposta para uma narrativa educacional*. Porto Alegre: Artes Medicas, 2007.

MATURANA ,Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

LARROSA, Jorge. *Linguagem: Educação depois de babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. Larrosa, 2004.

MARTINS.Mirian Celeste. *Teoria e pratica do ensino de arte: a língua do mundo.* São Paulo: FTD, 2010.

_____MARTINS, Mirian Celeste (Org). *Mediações: provocações estéticas.* São Paulo: UNESP / Instituto de Artes / Pós-graduação, 2005. p. 28.

_____Cadernos para o professor propositor. São Paulo: Instituto arte na escola, 2004 a 2007 (também disponível em: www.artenaescola.org.br)

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

VERGARA, Luiz Guilherme. *Curadorias Educativas - a consciência do olhar: percepção imaginativa*. ANPAP , anais 1996.